

ITAMARACÁ // Ipad apresenta projeto para revitalização do monumento. A proposta prevê a elaboração de estudos em seis áreas



Fotos: Inês Campelo/DP

JOSÉ AMARO, GUARDIÃO DO FORTÉ ORANGE HÁ QUASE TRÊS DÉCADAS, ESTÁ OTIMISTA COM O PROJETO DE REVITALIZAÇÃO APRESENTADO ONTEM PELO IPAD

Um homem, um forte e um projeto

JÚLIA KACOWICZ
DA EQUIPE DO DIÁRIO

As batalhas no local encerraram-se há quase três séculos, mas a luta do guardião já dura quase três décadas. Depois que assumiu a proteção solitária do Forte Orange, em Itamaracá, o pernambucano José Amaro, de 55 anos, tomou para si uma importante missão histórica e cultural: manter de pé um dos símbolos da dominação holandesa e portuguesa no estado. Com a expectativa de quem considera o local como um "trunfo" da ilha, esse guerreiro espera que o novo projeto de revitalização do forte apresentado pelo Instituto de Planejamento e Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico e Científico (Ipad) saia do papel. Antes dessa proposta, mais de três foram anunciadas. A última iniciativa data de janeiro de 2001. E a última restauração foi feita em 1973.

"O forte é o coração de Itamaracá e foi onde nasci pela segunda vez. Tomo conta dele há 27 anos porque

sinto um amor que nunca vai passar, mas o meu sonho é vê-lo como novo", contou Amaro. O guardião, como sente orgulho em se descrever, cita de forma quase íntima os problemas enfrentados pelo forte. O avanço do mar, a desordenação urbana e a falta de manutenção, além de representarem riscos à estrutura física e arqueológica guardada entre as rochas, são uma ameaça aos seus sonhos. "Até hoje, ando de um lado para outro dentro do forte e fico sonhando. Como é que eles colocaram cada pedra daquelas? O forte é um exemplo da capacidade humana de criar", ressaltou.

São exatamente os aspectos descritos por Amaro, entre outros, que serão abordados pelo projeto de revitalização do Ipad. A proposta, apresentada ontem em audiência pública na Câmara de Vereadores de Itamaracá, prevê a elaboração de estudos em seis áreas. Serão contempladas ações de contenção do

SERÃO FEITAS AÇÕES DE CONTENÇÃO DO MAR, RESTAURAÇÃO, INVENTÁRIO ARQUEOLÓGICO, MUSEALIZAÇÃO, MODELO DE USO E CAPTAÇÃO DE RECURSOS E FINANCIAMENTOS

mar, restauração arquitetônica, inventário arqueológico, musealização, modelo de uso e gestão e captação de recursos e financiamentos. "Alguns estudos já estão em andamento, mas nossa meta é detalhar cada subprojeto e estar com os recursos garantidos para iniciar as obras em doze meses", afirmou o coordenador executivo do projeto, Admilson Batista Junior. Ele destacou que todas as ações e serviços serão definidos visando a preservação das características arqueológicas do local.

"A preservação do forte é uma maneira de conservar uma importante fase histórica do estado, contribuindo não só para o desenvolvimento do município. Além de divulgar achados arqueológicos, todo o estado poderá ganhar com o investimento em turismo", disse o arqueólogo e coordenador do laboratório de arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Marcos Albuquerque. Patrimônio tão conhecido por Amaro, que se entristece quando lembra que em sua pri-

meira visita ao forte, ainda presidiário da Casa de Detenção do Recife (atual Casa da Cultura), contou 35 canhões. "Hoje são só 14. Mas me apaixonei quando vi tudo aquilo e resolvi cuidar", contou.

A primeira visita, feita por obrigação em 1970, tinha o objetivo de cuidar da manutenção do forte. Atividade que manteve durante outros dez anos e que assumiu voluntariamente quando ganhou a liberdade, em 1980. "Fui preso por homicídio aos 19 anos e quando sai não conhecia nada da vida. Nasci de novo e fui morar e guardar o forte", resume. Em suas batalhas diárias para obter recursos e tentar manter o forte, Amaro conheceu Gilsinele Sousa, então técnica do Sebrae. Em 15 dias, ela deixou o emprego e eles se casaram. Juntos criaram a Fundação Forte Orange. "Casei com um homem e com um forte. Mas estamos felizes e esperançosos de que nosso filho (o forte) poderá andar sozinho em breve", disse.

Meio holandês, meio português

As últimas escavações realizadas no Forte Orange, sob a coordenação do laboratório de arqueologia da UFPE, ocorrem na década de 70, em 2002 e 2003. Resquícios de quartéis, peças de uso holandês e brasileiro, louças e casas de pólvoras estão entre os achados descobertos nas expedições. Um dos objetivos do projeto é deixar à mostra esses objetos que contam a história da ilha e do período das capitânicas. As coletas demonstram o forte como produto de concepções similares de arquiteturas holandesa e portuguesa, reforçando a necessidade de proteção a esse sítio arqueológico reconhecido pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

"As últimas descobertas indicam uma proximidade e fraternidade cultural. As épocas se cruzam e os estilos se misturam", afirmou o coordenador das expedições, Marcos Albuquerque. Ele informou que as estratégias utilizadas para restaurar e idealizar o museu serão definidas a partir

de agora com o projeto do Ipad. "Tudo deverá receber a aprovação do Iphan e a arqueologia norteará as outras ações", disse. Segundo Albuquerque, o forte holandês encontra-se por baixo do forte de pedra construído pelos portugueses após a saída dos holandeses.

Construção - Decididos a expandir seus domínios, por volta de 1630, os holandeses iniciaram a construção do forte em área vizinha ao Canal de Santa Cruz. O local foi modificado três anos depois e novamente, em 1638, já sob a gestão de Maurício de Nassau. A partir de 1648, antes mesmo da retirada definitiva das tropas holandesas, o forte passou ao comando luso-brasileiro. Além das ações no forte, o projeto beneficiará o entorno da área como medidas de tratamento paisagístico em vias públicas e incentivo à criação de circuitos e rotas entre os potenciais turísticos do município. A requalificação de Vila Velha e a criação de parques também estão previstas.